



Nada faria prever
o que aquele simples
convite para dançar
poderia vir a significar...

o CONVITE

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

VI KEELAND

TOP
SEL
LER

Um

Stella

— Não consigo fazer isto... — Detive-me a meio da escadaria de mármore.

O Fisher ficou parado uns centímetros à minha frente, descendo depois para vir ter comigo.

— Claro que consegues. Lembras-te de quando andávamos no 6.º ano e tiveste de fazer aquela apresentação sobre o teu presidente preferido? Estavas uma pilha de nervos. Pensavas que te ias esquecer de tudo o que tinhas decorado e que ficarias ali espedada com toda a gente a olhar para ti.

— Lembro-me. E então?

— Aqui passa-se o mesmo. Conseguieste fazer a apresentação, não conseguiste?

O Fisher só podia estar louco.

— Os meus medos *materializaram-se todos* nesse dia. Fiquei espedada à frente do quadro e comecei a suar em bica. Não me lembrava de uma única palavra daquilo que tinha escrito. Todos os nossos colegas ficaram a olhar para mim e depois *tu* bombardeaste-me com perguntas.

O Fisher anuiu.

— Exatamente. Viveste o teu pior medo e, mesmo assim, sobreviveste. Na verdade, esse dia acabou por se revelar o melhor dia da tua vida.

Abanei a cabeça, confusa.

— Como assim?

— Foi a primeira vez que pertencemos à mesma turma. Pensava que não passavas de uma rapariga chata como todas as outras. Mas, nesse dia, depois das aulas, deste-me na cabeça por te ter chateado enquanto estavas a tentar fazer a apresentação. E foi aí que percebi que *não* eras como as outras raparigas. E nesse mesmo dia eu decidi que iríamos ser melhores amigos.

Abanei a cabeça.

— Não te dirigi a palavra durante o resto do ano letivo.

O Fisher encolheu os ombros.

— Sim, mas no ano seguinte conquistei-te, não foi? E agora sentes-te um pouco mais calma do que te sentias há dois minutos, não sentes?

Suspirei.

— Diria que sim.

Ele esticou o braço coberto por um smoking.

— Vamos entrar?

Engoli em seco. Por mais aterrorizada que estivesse com aquilo que estávamos prestes a fazer, mal podia esperar por ver como tinham transformado o interior de uma biblioteca num salão de casamento. Tinha passado um número infundável de horas sentada nestas escadas a estudar as pessoas que entravam na biblioteca.

O Fisher aguardou pacientemente com o braço estendido enquanto eu me decidia. Por fim, soltei outro suspiro ruidoso e dei-lhe o braço.

— Se formos parar à prisão, vais ter de arranjar dinheiro para pagar a fiança dos dois. Estou nas lonas.

Ele esboçou o seu sorriso à estrela de cinema.

— Combinado.

Enquanto subíamos os degraus que restavam para chegar às portas da Biblioteca Pública de Nova Iorque, passaram-me pela cabeça todos os pormenores que debatemos na viagem de Uber até aqui. Os nomes que adotámos para esta noite eram Evelyn Whitley e Maximilian Reynard. O Max era agente imobiliário — a família dele

era dona da Reynard Properties — e eu tinha concluído o MBA em Wharton e regressara há pouco tempo à cidade. Vivíamos os dois no Upper East Side — bem, pelo menos essa parte era verdade.

Avistámos dois empregados com uniforme e luvas brancas junto às portas da entrada. Um deles trazia um tabuleiro com flutes de champanhe e o outro tinha um bloco de notas. Apesar de as minhas pernas continuarem a movimentar-se, o meu coração parecia prestes a fugir-me do peito e a seguir na direcção oposta.

— Boa noite. — O empregado com o bloco de notas acenou com a cabeça. — Podem indicar-me os vossos nomes, por favor?

O Fisher nem sequer estremeceu enquanto proferia a primeira das muitas mentiras que seriam ditas esta noite.

O homem, que notei trazer um auricular, verificou a lista e assentiu com a cabeça. Em seguida, esticou o braço para nos indicar que entrássemos e o outro empregado entregou-nos um copo de espumante.

— Sejam bem-vindos. A cerimónia será realizada na sala circular. Os convidados da noiva ficam sentados do lado esquerdo.

— Obrigado — disse o Fisher. Assim que nos afastámos, ele inclinou-se na minha direcção. — Estás a ver? Foi canja. — Bebeu um gole de champanhe. — *Ui, isto é bom.*

Não conseguia perceber como é que ele estava tão calmo. Mas também não conseguia perceber como é que ele tinha conseguido arrastar-me para este disparate. Há dois meses, quando cheguei a casa do trabalho, encontrei o Fisher, que também é meu vizinho, a remexer no meu frigorífico à procura de sobras. Não era a primeira vez que isso acontecia. Enquanto ele comia o frango à milanesa que já tinha dois dias, eu sentei-me à mesa da cozinha a ler as cartas que recebera no correio e a beber um copo de vinho. Enquanto conversávamos, abri um envelope grande sem ver primeiro o remetente na parte da frente. Dentro do envelope estava o convite de casamento mais bonito que alguma vez vira. Tratava-se de um convite a preto e branco com umas folhas douradas. Parecia uma obra de arte em dourado. E, ainda por cima, a cerimónia seria realizada na Biblioteca Pública de Nova Iorque, mesmo ao lado do meu antigo escritório, o local onde

eu muitas vezes almoçara sentada naquela icónica escadaria. Há pelo menos um ano que não ia à biblioteca, por isso a ideia de ir a um casamento lá deixava-me seriamente entusiasmada.

Embora continuasse sem fazer a menor ideia de quem seria este casamento. Talvez fosse de um familiar afastado de quem já não me lembrava? Os nomes não me diziam nada. Quando virei o envelope, rapidamente percebi porquê. Tinha aberto o correio da minha antiga colega de casa. *Argh*. Bem me pareceu. O convite para um casamento de sonho num dos meus lugares favoritos do mundo não era endereçado a mim.

Mas depois de bebermos uns copos de vinho, o Fisher lá conseguiu convencer-me de que deveria ser *eu* a ir e não a Evelyn. Era o mínimo que a imprestável da minha ex-colega podia fazer por mim, disse ele. Afinal de contas, ela saía de fininho de casa a meio da noite, roubara-me alguns dos meus sapatos favoritos e eu descobrira que o cheque que ela deixara para pagar os dois meses de renda que devia era careca. O mínimo que ela podia fazer era ceder-me o seu convite para um copo-d'água pomposo que custaria milhares de dólares. Deus era testemunha de que nenhum dos meus amigos alguma vez se casaria num sítio destes. Quando acabámos a segunda garrafa de *Merlot*, o Fisher já tinha tomado a decisão de que iríamos no lugar da Evelyn. Seríamos os penduras do casamento e passaríamos uma noite divertida à pala da trapaceira da minha antiga colega de casa. Ele chegou mesmo a preencher o cartão de resposta e confirmou a presença de dois convidados e depois enfiou o cartão no bolso de trás para enviar por correio no dia seguinte.

Para ser sincera, tinha-me esquecido dos planos que fizera quando estava com os copos e só me lembrei deles há duas semanas, quando o Fisher chegou a casa com um smoking que pedira emprestado a um amigo para comparecer no casamento que seria realizado dali a umas semanas. Ainda tentei demovê-lo e disse-lhe que me recusava a ir a um casamento chique de pessoas que eu não conhecia sem ser convidada, mas ele fez aquilo que sempre fazia e conseguiu convencer-me de que a má ideia dele não era assim tão má.

Até agora. Fiquei parada no meio do átrio daquele que seria um casamento que provavelmente custara 200 mil dólares e senti que estava prestes a fazer chichi pelas pernas abaixo.

— Bebe o champanhe — disse o Fisher. — Vai ajudar-te a descontraír e dar-te um pouco de cor às faces. Parece que estás diante da turma para explicar porque é que gostas tanto do John Quincy Adams.

Fitei o Fisher com os olhos semicerrados e ele lançou-me um sorriso, sem se demover. Tinha a certeza de que nada me ajudaria a descontraír. Mas, mesmo assim, emborqueei o resto da bebida.

O Fisher enfiou uma mão no bolso das calças descontraidamente e olhou em redor com a cabeça erguida, como se não tivesse um único receio na vida.

— Há muito tempo que não vejo a minha amiga de tantos anos a sair da *casca* — disse ele. — Será que ela vai sair esta noite?

Entreguei-lhe a minha flute de champanhe vazia.

— Cala-te e vai buscar-me outro copo antes que eu me pisque.

Ele riu-se baixinho.

— Como queiras, *Evelyn*. Fica quieta e tenta não dar com a língua nos dentes antes de termos a oportunidade de ver a linda noiva.

— Linda? Nem sabes como ela é.

— Todas as noivas são lindas. É por isso que elas usam um véu, para não poderes ver as feias, e para tudo ser mágico no seu dia especial.

— Que romântico.

O Fisher piscou-me o olho.

— Nem toda a gente tem a sorte de ser bonito como eu.

Três copos de champanhe ajudaram a acalmar-me a ponto de conseguir sentar-me para assistir à cerimónia. E, decididamente, a noiva não precisava de um véu. A Olivia Rothschild — ou Olivia Royce, como seria agora o nome dela — era belíssima. Fiquei com os olhos um pouco marejados enquanto via o noivo a proferir os votos. Era uma pena que nenhum dos membros do casal feliz fosse mesmo meu amigo, porque um dos amigos do noivo era uma brasa. Talvez me tenha passado pela cabeça a ideia de a Livi — era esse o nome que eu

lhe dava na minha cabeça — me apresentar a um dos amigos do novo marido. Mas esta noite eu era uma impostora e não estava a viver uma história da Cinderela.

O beberete decorreu num belo salão onde eu nunca tinha estado. Pus-me a estudar os desenhos do teto enquanto esperava que me servissem a bebida no bar. O Fisher disse-me que precisava de ir à casa de banho, mas eu estava com a sensação de que ele se tinha escapulado para ir falar com o empregado atraente que lhe andava a fazer olhinhos desde que entráramos.

— Aqui tem, menina. — O barman entregou-me a bebida.

— Obrigada. — Olhei rapidamente em redor para ver se alguém estava a prestar-me atenção e depois enfiei o nariz dentro do copo e inalei demoradamente. *Sem dúvida não era o que tinha pedido.*

— Hum, peço desculpa. É possível que tenha preparado esta bebida com gin *Beefeater* e não com *Hendricks*?

O barman franziu o sobrolho.

— Não me parece.

Inalei uma segunda vez, agora segura de que ele se tinha enganado.

A voz de um homem vinda da minha esquerda apanhou-me de surpresa.

— Ainda nem sequer provou, mas, mesmo assim, acha que ele lhe serviu o gin errado?

Esbocei um sorriso por delicadeza.

— O *Beefeater* é composto por junípero, cascas de laranja, amêndoas amargas e uma mistura de chás, o que cria um sabor a alcaçuz. O *Hendricks* é composto por junípero, pétalas de rosa e pepino. Têm um cheiro diferente.

— Está a beber puro ou com gelo?

— Nem um nem outro. É um gin martíni, por isso tem vermute.

— Mas acha que consegue perceber pelo cheiro que ele usou o gin errado, sem sequer o provar? — Pelo tom de voz do homem, era nítido que ele achava que eu não conseguia.

— Tenho um olfato muito apurado.

O homem olhou por cima do meu ombro.

— Hudson, aposto cem dólares em como ela não consegue distinguir entre os dois gins se os colocarmos lado a lado.

Ouvi a voz de um segundo homem à minha direita, ligeiramente atrás do meu ombro. O som era grave, mas suave e delicado ao mesmo tempo. Tal como o gin que o barman *devia* ter usado para preparar a minha bebida.

— Aposto antes 200 dólares.

Virei-me para olhar para o homem que estava disposto a fazer uma aposta sobre as minhas capacidades e senti-me arregalar os olhos.

Oh. Uau. Era a brasa da cerimónia de casamento. Tinha passado a maior parte da cerimónia a olhar para ele. Era bonito ao longe, mas ao perto era deslumbrante, de uma forma que me provocava borboletas na barriga. Tinha cabelo escuro, pele bronzeada, maxilar bem definido e lábios carnudos. O penteado dele fazia-me lembrar uma estrela de cinema dos tempos antigos, com o cabelo penteado para trás e afastado para o lado. Um pormenor que me tinha escapado durante a cerimónia era os seus olhos azuis como o mar, que estavam, neste preciso momento, a perscrutar-me o rosto como se eu fosse um livro.

Pigarreei.

— Vais apostar 200 dólares em como eu consigo identificar o gin?

Este belo homem deu um passo em frente e o meu sentido olfativo arrebitou. *Aí está um odor melhor do que gin.* Não sabia se o odor era da água-de-colónia ou se era algum gel de banho, mas, fosse o que fosse, tive de usar todas as minhas forças para não me inclinar para ele e cheirá-lo. Aquele pedaço de mau caminho era igualmente bonito e cheiroso e essa combinação era a minha *kryptonite*.

Havia um toque de divertimento na sua voz.

— Estás a dizer-me que é uma má aposta?

Abanei a cabeça e virei-me para falar para o amigo dele.

— Vou alinhar na vossa pequena aposta, mas também quero apostar 200 dólares.

Quando os meus olhos voltaram a fixar o lindo homem que estava à minha direita, o canto do lábio dele estremeceu ligeiramente.

— *Boa.* — Ergueu o queixo na direção do amigo. — Pedo ao barman para servir um shot de *Beefeater* e um shot de *Hendricks* e para os colocar lado a lado à frente dela, mas pede-lhe para não dizer qual é qual.

Um minuto depois, levantei o primeiro copo de shot e cheirei-o. Para ser sincera, não era necessário cheirar o outro, mas fi-lo na mesma, só para ter a certeza. *Bolas...* devia ter apostado mais. Este jogo era demasiado fácil. Era como tirar doces a uma criança. Empurrei um shot e disse ao barman:

— Este é o *Hendricks*.

O barman parecia impressionado.

— Ela tem razão.

— Merda. — O rapaz que tinha começado este jogo bufou. Enfiou a mão no bolso da frente e puxou um maço de notas impressionante e depois retirou quatro notas de cem dólares. Atirou-as na nossa direção para cima do balcão e abanou a cabeça. — Eu recupero o dinheiro até segunda-feira.

O jeitoso lançou-me um sorriso enquanto recolhia o dinheiro. Quando eu peguei no dinheiro que me pertencia, ele baixou a cabeça e sussurrou-me ao ouvido.

— Bom trabalho.

Com os diabos. O hálito quente dele provocou-me arrepios pela espinha abaixo. Há muito tempo que não estava tão perto de um homem. Por mais triste que parecesse, senti os joelhos a fraquejarem um pouco. Mas obriguei-me a ignorar isso.

— Obrigada.

Ele aproximou-se do balcão e levantou um dos shots, levando-o ao nariz, e depois cheirou-o, pousando-o de seguida, e depois cheirou o outro.

— Não sinto diferença nos cheiros.

— Isso significa que tens um olfato normal.

— Ah, estou a ver. E o teu é... extraordinário?

Sorri.

— Sim, é.

Ele parecia divertido enquanto me entregava um dos shots e levantava o outro para brindarmos.

— Às características extraordinárias — disse ele.

Não tinha por hábito beber shots, mas porque não? Bati com o copo no dele e depois bebi o líquido. Talvez o álcool ajudasse a acalmar o nervosismo que este homem parecia provocar em mim.

Pousei o copo de shot vazio no balcão ao lado do dele.

— Deduzo que este seja um jogo que vocês costumam fazer, uma vez que o teu amigo tenciona recuperar o dinheiro até segunda-feira.

— A família do Jack é amiga da minha família desde que éramos miúdos. Mas começámos a fazer apostas quando andávamos na mesma faculdade. Eu sou fã da Notre Dame e ele é fã da USC. Estávamos sempre nas lonas nessa altura, por isso costumávamos fazer apostas em que quem perdia levava com um choque de *taser*.

— Um choque de *taser*?

— O pai dele era polícia. Ele ofereceu-lhe um *taser* para guardar debaixo do assento do carro e usar caso precisasse. Mas acho que nunca lhe passou pela cabeça que o filho seria atingido com 50 mil volts quando uma interceção de última hora fez com que a equipa dele perdesse.

Abanei a cabeça.

— Isso é um pouco agressivo.

— Certamente não foi a nossa decisão mais sensata. Pelo menos eu ganhei mais algumas vezes do que ele. Uns danos cerebrais ligeiros talvez expliquem algumas das decisões que ele tomou na faculdade.

Soltei uma gargalhada.

— Com que então hoje foi apenas uma continuação desse padrão?

— Basicamente. — Ele sorriu e estendeu-me a mão. — Chamo-me Hudson, já agora.

— Prazer em conhecer-te. Sou a St... — Calei-me mesmo a tempo. — Sou a Evelyn.

— Então és apreciadora de gin, Evelyn? É por isso que não detetei nenhuma diferença no cheiro dos dois?

Sorri.

— Não diria que sou apreciadora de gin. Para ser sincera, costumo beber vinho. Mas já te disse qual é a minha profissão? Sou química de fragrâncias... perfumista.

— Crias perfumes?

Assenti com a cabeça.

— Sim, entre outras coisas. Criei aromas para uma empresa de cosmética e fragrâncias durante seis anos. Às vezes era um perfume novo, outras vezes era o cheiro de uma toalhita desmaquilhante ou até mesmo um produto de cosmética que precisava de um aroma mais agradável.

— Tenho a certeza de que nunca conheci uma perfumista antes. Sorri.

— É tão entusiasmante quanto julgaste que seria?

Ele riu-se baixinho.

— Qual é ao certo a formação que tens de ter para um trabalho desses?

— Tenho uma licenciatura em química. Mas podes ter as licenciaturas que quiseres e, mesmo assim, não estás habilitado para o trabalho a não ser que tenhas hiperosmia.

— E isso é...

— Um olfato extremamente apurado, uma precisão olfativa superior.

— Então pode-se dizer que és boa a cheirar coisas?

Soltei uma gargalhada.

— Exatamente.

Muitas pessoas acham que têm o olfato apurado, mas não compreendem verdadeiramente como o olfato de uma pessoa com hiperosmia é apurado. Funciona sempre melhor quando demonstramos as nossas capacidades. Além disso, eu queria mesmo saber qual era a água-de-colónia que ele estava a usar. Por isso, debrucei-me e cheirei o Hudson.

Suspirei e disse:

— Sabonete *Dove*.

Ele não parecia completamente convencido.

— Sim, mas esse é um sabonete bastante comum.

Sorri.

— Não me deixaste acabar. *Dove Cool Moisture*. Com pepino e chá verde, que também é um ingrediente comum dos gins, já agora. E usas o champô *L'Oreal Elvive*, tal como eu. Consigo sentir o cheiro de extrato de flor de gardénia, extrato de flor de rosa-canina e um ligeiro toque de óleo de coco. Oh, e usas o desodorizante *Irish Spring*. Acho que não usas nenhuma água-de-colónia.

O Hudson arqueou as sobrancelhas.

— Isso foi impressionante. Ficámos hospedados num hotel ontem à noite e esqueci-me trazer a água-de-colónia.

— Qual é que costumavas usar?

— Ah... não te posso dizer isso. O que havemos de fazer no nosso segundo encontro para nos divertirmos se não fizermos o teste do cheiro?

— O nosso segundo encontro? Não sabia que íamos ter um primeiro.

O Hudson sorriu e estendeu-me a mão.

— A noite é uma criança, Evelyn. Danças comigo?

Senti um nó no estômago, um sinal de alerta de que isto seria uma má ideia. Eu e o Fisher devíamos estar juntos e limitarmos o contacto com as outras pessoas para minimizarmos as hipóteses de sermos apanhados. Mas, depois de olhar em redor, não avistei o meu par. Além disso, este homem era seriamente hipnotizante. Antes mesmo de o meu cérebro conseguir pesar os prós e os contras, dei por mim a encostar a mão à dele. Ele levou-me para a pista de dança e passou um braço à volta da minha cintura, conduzindo-me com o outro. Como seria de esperar, ele sabia dançar.

— Evelyn, detentora desse olfato extraordinário, nunca te vi antes. És convidada ou acompanhante? — Ele olhou em redor do salão. — Tenho algum homem atrás de mim neste momento a olhar-me de lado? Vou ter de ir buscar o *taser* do Jack ao carro para afastar algum namorado ciumento?

Soltei uma gargalhada.

— Trouxe um acompanhante, mas é só um amigo.

— Pobrezinho...

Sorri. O Hudson estava nitidamente a tentar seduzir-me, mas eu continuava a dar-lhe corda.

— O Fisher está mais interessado no rapaz que serve o champãhe do que em mim.

O Hudson puxou-me um pouco mais para si.

— Gosto mais do teu acompanhante do que gostava há 30 segundos.

Fiquei com pele de galinha quando ele baixou a cabeça e roçou rapidamente o nariz no meu pescoço.

— Cheiras incrivelmente bem. Estás a usar um dos perfumes que criaste?

— Estou. Mas não está à venda. Gosto da ideia de ter um aroma exclusivo pelo qual seja lembrada.

— Acho que não precisas do perfume para ser lembrada.

Ele conduziu-me pela pista de dança com tal graciosidade que eu me questionei se teria tido aulas profissionais. A maioria dos homens da idade dele julgava que para dançar um *slow* bastava balançar as ancas para trás e para a frente e roçar a sua ereção na parceira.

— És um bom dançarino — disse eu.

Em resposta ao meu elogio, o Hudson rodopiou-nos.

— A minha mãe era dançarina de danças de salão. Aprender não era uma opção, era uma obrigação, se eu queria comer.

Soltei uma gargalhada.

— Isso é muito porreiro. Alguma vez pensaste em seguir as pisadas dela?

— Nunca. Cresci a vê-la sofrer com bursite da anca, fraturas de stress, roturas dos ligamentos... não é uma profissão glamorosa como dão a parecer naqueles concursos de dança da televisão. Numa profissão destas é preciso adorar aquilo que se faz.

— Acho que o mesmo se aplica a qualquer profissão.

— Tens toda a razão.

A canção terminou e o anfitrião pediu a todos os convidados que se sentassem.

— Onde é que estás sentada? — perguntou o Hudson.

Apontei para a ponta do salão onde eu e o Fisher estávamos sentados.

— Algures por ali. Mesa 16.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu acompanho-te.

Aproximámo-nos da mesa ao mesmo tempo que o Fisher, que vinha da direção oposta. O olhar dele alternou entre mim e o Hudson e a sua expressão formulou a pergunta que ele não se atreveu a dizer em voz alta.

— Hum... este é o meu amigo Fisher. Fisher, este é o Hudson.

O Hudson estendeu a mão.

— Prazer em conhecer-te.

Depois de dar um aperto de mão a um Fisher emudecido, que parecia ter perdido a capacidade de falar, ele virou-se para mim e voltou a pegar-me na mão.

— Acho melhor voltar para a minha mesa para junto dos meus amigos.

— Está bem.

— Dançamos outra vez mais tarde?

Sorri.

— Eu adoraria.

O Hudson deu meia-volta para se afastar, mas depois virou-se. Enquanto recuava, disse:

— Caso decidas dar uma de Cinderela e desaparecer, qual é o teu apelido, Evelyn?

Como ele usou o meu nome falso, eu lembrei-me de que não lhe deveria dizer o meu apelido verdadeiro como estivera a ponto de fazer da primeira vez.

— É Whitley.

— Whitley?

Oh, meu Deus. Será que ele conhece a Evelyn?

Os olhos dele varreram-me o rosto.

— Lindo nome. Até já.

— Hum... claro que sim.

Quando o Hudson estava suficientemente longe para não nos ouvir, o Fisher inclinou-se para mim.

— É suposto eu chamar-me Maximilian, querida.

— Oh, meu Deus, Fisher. Temos de ir embora.

— Não. — Ele encolheu os ombros. — Não há problema. Inventámos o Maximilian de qualquer das formas. Sou o teu acompanhante. Ninguém sabe o nome do acompanhante da Evelyn. Se bem que ainda quero fazer-me passar por empresário do ramo imobiliário.

— Não, não é por isso.

— Então o que é?

— Temos de ir embora porque ele sabe...

Dois

Stella

○ Fisher bebeu um gole da cerveja.

— Estás a ser paranoica. O rapaz está a leste. Eu olhei para a cara dele quando disseste o apelido da Evelyn e a única coisa em que ele prestou atenção foi à tua beleza.

— Não, ele fez uma cara estranha. Eu vi. — Abanei a cabeça.

— Quanto tempo estiveste a falar com o homem?

— Não sei. Talvez 15 minutos? Conheci-o no bar e depois ele convidou-me para dançar.

— Ele pareceu-te o tipo de homem que se acanha quanto a fazer uma pergunta se tiver alguma desconfiança?

Refleti sobre a pergunta dele. Por acaso, não parecia. O Hudson parecia mais ousado do que recatado.

— Não, mas...

O Fisher pousou as mãos em cada um dos meus ombros.

— Respira fundo.

— Fisher, é melhor irmos.

O anfitrião pediu novamente a todos os convidados que se sentassem, pois o jantar ia ser servido.

O Fisher puxou a minha cadeira.

— Vamos pelo menos jantar. Se depois do jantar quiseres ir embora, podemos ir. Mas digo-te que estás apenas a ser paranoica. O tipo não faz a mínima ideia.

O meu instinto dizia-me que devia ir embora, mas, quando perscrutei o salão, reparei que éramos os únicos convidados que continuavam de pé e as pessoas estavam a olhar para nós.

Suspirei.

— Está bem. Jantamos e depois vamos embora.

O Fisher sorriu.

Falei baixinho, pois apercebi-me de que os outros convidados que estavam sentados à nossa mesa, e que até agora tínhamos estado a ignorar, podiam ouvir-nos.

— Onde estiveste até agora?

— A falar com o Noah.

— Quem é o Noah?

— Um empregado giro. Vai ser ator.

Revirei os olhos.

— Claro que vai. O plano era estarmos sempre juntos.

— Não me pareceste lá muito solitária. Quem era aquele Adónis? Sabes que não gosto de te ver acompanhada de homens mais bonitos do que eu.

Suspirei.

— Ele era lindo, não era?

O Fisher bebeu a cerveja.

— Eu papava-o.

Rimo-nos os dois.

— Achas mesmo que ele não percebeu nada? Não estás a dizer isso só porque queres ficar, pois não?

— Não, estamos safos.

Consegui descontrair um pouco durante o jantar. Mas talvez isso se devesse mais ao facto de o empregado estar sempre a encher-me o copo sem que eu tivesse de lhe pedir do que a estar convencida de que o Fisher tinha razão. Não é que eu já estivesse convencida de que o Hudson não sabia que éramos impostores. Mas estava tão embriagada dos martinis, que deixei de me preocupar com isso.

Depois de os empregados recolherem os nossos pratos, o Fisher convidou-me para dançar e eu achei que não haveria problema.

Havia coisas piores do que passar a noite a dançar com dois bonitos homens. Por isso, dirigimo-nos à pista de dança quando começou a soar uma canção melodiosa e, quando a música abrandou, o Fisher puxou-me para os seus braços.

Já íamos a meio da dança e estávamos no nosso mundo, a rir às gargalhadas, quando um homem tocou no ombro do meu parceiro.

— Importam-se que eu interrompa?

O Hudson.

O coração começou a martelar-me o peito. Não sabia se estava com mais receio de voltar para os braços deste belo homem ou de ser apanhada.

O Fisher sorriu e deu um passo atrás.

— Cuida bem da minha miúda.

— Oh, eu tenciono fazê-lo.

Houve qualquer coisa na forma como ele disse aquilo que me deixou desconfortável. Contudo, o Hudson envolveu-me nos braços e começou a conduzir-nos ao som da música, tal como fizera antes.

— Estás a divertir-te? — perguntou ele.

— Hum... sim. É um belo espaço para fazer um casamento. Nunca estive aqui antes.

— Lembra-me lá de quem és convidada. Da noiva ou do noivo?

Não cheguei a mencionar isso.

— Da noiva.

— E como é que a conheces?

Merda. Ergui o olhar e a boca do Hudson curvou-se naquilo que parecia ser um sorriso, mas que decididamente não parecia um sorriso divertido. Parecia mais um sorriso cínico do que descontraído.

— Hum, costumávamos trabalhar juntas.

— Oh? Na Rothschild Investments?

Apetecia-me dar à sola. Talvez o Hudson tivesse pressentido que estava a ponto de fazer isso mesmo, porque, a não ser que tudo não passasse de imaginação minha, ele apertou-me com mais força. Engoli em seco.

— Sim. Trabalhei na Rothschild Investments.

A única coisa que eu sabia sobre o emprego da Evelyn, que durou uns breves meses, era que ela trabalhava como rececionista e não suportava o patrão. Costumava referir-se a ele como *Idiota da GQ*.

— E a fazer o quê?

Isto começava a parecer um interrogatório.

— Como rececionista.

— Rececionista? Mas pensava que eras perfumista.

Merda. Pois. Não raciocinei bem quando decidi ser sincera sobre a minha profissão.

— Hum, estou a lançar um negócio próprio e as coisas atrasaram-se, por isso precisava de um rendimento fixo.

— E que tipo de negócio estás a lançar?

Pelo menos esta parte não era mentira.

— Chama-se Signature Scent. É uma linha de perfumes por encomenda e personalizados.

— Como é que isso funciona?

— Enviamos ao cliente 20 amostras pequenas de cheiros e a pessoa classifica-os de 1 a 10 e preenche um questionário pormenorizado. Com base nos tipos de aromas de que o cliente gosta e nas respostas que dá ao nosso questionário, criamos um aroma exclusivo para ele. Criei um algoritmo que desenvolve a fórmula com base nas opiniões que recolhemos.

O Hudson sondou-me o rosto. Parecia que estava a tentar juntar as peças de um puzzle qualquer. Quando voltou a falar, o seu tom de voz era mais suave.

— É uma boa ideia, por acaso.

Talvez fosse o álcool a acicatar-me os nervos, mas, de repente, senti-me ofendida por ele parecer surpreendido.

— Assumiste que por eu ser loura não teria boas ideias?

O Hudson esboçou aquilo que me pareceu um sorriso genuíno, mas que rapidamente esmoreceu no seu rosto estoico. Ficou a olhar para mim durante muito tempo enquanto eu sustinha a respiração e esperava que ele me denunciasse.

Por fim, ele disse:

— Acompanhas-me por um instante?

— Aonde?

— Tenho de fazer um discurso e queria que viesses comigo. O teu lindo rosto vai dar-me a coragem de que preciso.

— Hum... claro que sim.

O Hudson sorriu, mas, uma vez mais, cheirava-me a esturro. O pedido dele parecia-me inofensivo, por isso, quando ele me pegou na mão e me conduziu à parte da frente do salão, eu tentei convencer-me de que todo este receio não passava de paranoia minha e que tudo isto se devia à minha consciência pesada.

Ele falou com o anfitrião e depois encaminhamo-nos para a parte lateral da pista de dança enquanto aguardávamos. Ficámos ao lado um do outro enquanto a canção terminava e depois o anfitrião pediu aos convidados que se sentassem novamente.

— Senhoras e senhores, gostava de apresentar-vos uma pessoa muito importante para os recém-casados. É o irmão da nossa linda noiva e um bom amigo do nosso elegante noivo. Vamos dar um forte aplauso ao nosso convidado especial, o Hudson!

Oh, merda. Ele é irmão da noiva!

O Idiota da GQ!

O Hudson inclinou-se para mim.

— Fica aqui para eu poder ver a tua cara bonita, Evelyn.

Acenei com a cabeça e sorri, embora me apetecesse vomitar. Nos dez minutos que se seguiram, o Hudson proferiu um discurso eloquente. Ele disse que a maninha dele era uma chata, mas que estava tremendamente orgulhoso da mulher em que ela se tornara. Quando ele mencionou que a mãe e o pai dele faleceram, eu fiquei um pouco emocionada. A sua admiração pela irmã era notória e o discurso foi ao mesmo tempo sério e divertido. Enquanto ele discursava, eu deixei escapar um suspiro de alívio por ele não me denunciar. Era uma pena eu tê-lo conhecido nestas circunstâncias e ter-me apresentado com um nome falso, porque o Hudson parecia um ótimo partido.

No final do discurso, ele ergueu o copo.

— Ao Mason e à Olivia. Que a vossa vida seja repleta de amor, saúde e riqueza, mas, mais importante do que tudo, que vivam muitos anos juntos para desfrutar de tudo isto.

Um murmúrio de apoio percorreu todo o salão e, depois de todos os convidados pegarem nos seus copos, eu julguei que o discurso tinha terminado. Mas estava enganada. Em vez de devolver o microfone ao anfitrião, o Hudson deu meia-volta e olhou diretamente para mim. O sorriso malicioso que lhe atravessou o rosto provocou-me arrepios, e *não* no bom sentido.

— A seguir — disse ele — tenho uma surpresa especial para todos. A querida amiga da minha irmã, a *Evelyn*, queria dizer umas palavras.

Arregalei os olhos.

Ele prosseguiu:

— Ela tem uma história fantástica sobre como se conheceram. É uma história divertida e ela está ansiosa por contá-la a todos esta noite.

O Hudson encaminhou-se para mim com o microfone na mão. Os olhos dele brilharam de divertimento, mas eu temi que os seus sapatos reluzentes ficassem manchados de vômito.

Abanei a cabeça, numa tentativa de o afastar, mas isso apenas o impeliu mais.

Ele falou ao microfone enquanto me pegava na mão.

— A *Evelyn* parece nervosa. Ela é um pouco tímida. — Ele puxou-me e eu avancei uns passos, contrariada, para o meio do salão, mas depois enterrei os saltos altos e recusei-me a avançar mais.

O Hudson soltou uma gargalhada e voltou a levantar o microfone.

— Parece que ela precisa de um incentivo. Que vos parece, senhoras e senhores? Vamos receber com uma salva de palmas a *Evelyn*, que quer dirigir umas palavras aos noivos?

A multidão começou a aplaudir. Queria que o chão se abrisse e que o meu corpo hirto caísse num poço sem fundo. Mas a cada minuto que passava tornava-se mais claro que a única forma de sair desta situação seria enfrentá-la. Todos tinham os olhos pregados em

mim e eu nunca conseguiria sair daqui de fininho. Ponderei fugir, mas achei que era melhor ter apenas algumas pessoas a perseguirem-me do que o salão inteiro.

Por isso, respirei fundo, encaminhei-me para a mesa de convidados mais próxima e perguntei a um homem que lá estava se a bebida dele continha álcool. Quando ele disse que era vodca com gelo, eu servi-me do conteúdo. Depois, alisei o vestido, endireitei os ombros, ergui o queixo e dirigi-me ao Hudson, pegando no microfone com a mão trémula.

Ele sorriu e debruçou-se para me sussurrar ao ouvido:

— Boa sorte, *Evelyn*.

O salão ficou em silêncio e eu conseguia sentir as gotas de suor a formarem-se na minha testa e lábio superior. Um nó do tamanho de uma bola de golfe estava preso no meio da minha garganta e eu sentia um formigueiro nos dedos das mãos e dos pés. A multidão olhava para mim e eu pus-me a dar voltas à cabeça para tentar arranjar uma história — *uma história qualquer*. Acabei por lembrar-me de uma história, embora tivesse de improvisar um pouco. Mas esta noite eu já estava farta de improvisar, não estava?

Pigarreei.

— Olá.

Estava a segurar o microfone com a mão direita. Quando reparei que estava a tremer, levantei a mão esquerda e cobri a outra mão para manter o microfone estável. Depois respirei fundo.

— Olá. Eu sou a Evelyn. Eu e a Olivia conhecemo-nos no jardim de infância.

Cometi o erro de olhar para a mesa onde estavam os noivos. A confusão estava estampada no rosto da noiva e ela olhou para mim enquanto sussurrava para o marido.

É melhor despachar-me...

— Como disse o Hudson, eu queria contar a história de como eu e a Livi nos conhecemos. Eu tinha-me mudado há pouco tempo para a cidade a meio do ano letivo e não tinha muitos amigos. Na altura eu era muito tímida. A minha pele clara ficava vermelha sempre que me

prestavam demasiada atenção, por isso eu evitava a todo o custo falar nas aulas. Um dia, bebi uma garrafa de água inteira durante um dos intervalos. Estava aflitíssima para ir à casa de banho quando voltámos a entrar, mas o nosso professor, o Sr. Neu, já tinha começado a aula e eu não queria interrompê-lo. Ele tinha dois metros e tal e um ar assustador e a ideia de levantar a mão e ter as outras crianças todas a olhar para mim quando ele chamasse o meu nome deixava-me completamente apavorada. Por isso, aguentei durante toda a aula e, chicha, aquele homem falava pelos cotovelos.

Olhei para a noiva.

— Lembras-te de como o Sr. Neu não se calava com aquelas pias secas? E depois era o único que se ria?

A noiva olhou para mim como se eu fosse doida varrida. Eu tinha quase a certeza de que era.

Nos cinco minutos que se seguiram, continuei a divagar em frente a um salão cheio de pessoas e a contar-lhes como saí disparada da sala quando o professor finalmente se calou. Mas as divisórias estavam todas ocupadas e eu não conseguia aguentar mais. Contei-lhes que voltei à sala de aulas com as calças molhadas e que tentei esconder, mas que um rapaz reparou e gritou: «Olhem! A miúda nova molhou as calças.» Fiquei envergonhadíssima e senti as lágrimas a formarem-se nos olhos, até que a minha amiga veio em meu auxílio. Num gesto de coragem que criaria um laço inquebrável entre nós, a Olivia fez chichi nas calças e depois levantou-se e disse a toda a gente que a relva do recreio estava molhada e que tínhamos estado as duas sentadas na relva.

Concluí a história dizendo a todos os convidados, que estavam com um sorriso estampado no rosto, que o meu desejo para o casal feliz era que sentissem o mesmo amor e a mesma alegria que eu sentira com a noiva durante muitos anos. Levantei uma mão, como se segurasse um copo imaginário.

— Um brinde à noiva e ao noivo.

As pessoas começaram a aplaudir e eu percebi que precisava de aproveitar aquele momento para sair dali. O Hudson continuava na

parte lateral do palco e, se não me enganava, talvez me parecesse um pouco orgulhoso de mim por eu não me ter dado por vencida. Os olhos dele brilhavam e ele ficou a observar-me com atenção enquanto eu me aproximava dele e lhe encostava o microfone ao peito.

Ele tapou o microfone e sorriu.

— Que divertido.

Esbocei um sorriso forçado que revelou uma fiada de dentes brancos e fiz-lhe sinal com o dedo para se aproximar.

Quando ele se aproximou, eu sussurrei-lhe ao ouvido:

— *És um imbecil.*

O Hudson deixou escapar uma gargalhada audível e eu saí do salão, sem confirmar se ele me estava a seguir. Felizmente, o Fisher já vinha ao meu encontro, por isso não tive de o procurar para nos pismarmos dali.

Ele tinha os olhos arregalados como dois *Frisbees*.

— Estás com os copos? Que raio acabou de acontecer ali?

Agarrei-lhe o braço e continuei a andar.

— Temos de nos pismar daqui e bem *depressa*. Tens a minha mala?

— Não.

Merda. Pensei em ir-me embora na mesma, mas tinha a carta de condução e o cartão de crédito na mala. Por isso, virei à esquerda e fui direta à nossa mesa. Pelo canto do olho, vi o Hudson e o noivo a falarem com o empregado e a apontarem na nossa direção.

— Merda! Temos de nos despachar. — Estuguei o passo até chegar à nossa mesa, agarrei na mala e dei meia-volta. Depois de dar dois passos, dei novamente meia-volta.

— O que é que estás a fazer? — perguntou o Fisher.

Peguei numa garrafa de *Dom Pérignon* ainda por abrir que estava na nossa mesa.

— Vou levar isto comigo.

O Fisher abanou a cabeça e soltou uma gargalhada enquanto nos encaminhávamos para a porta. Pelo caminho, roubámos garrafas de champanhe de todas as mesas por onde passámos. Os convidados confusos não faziam a menor ideia do motivo pelo qual estávamos

a fazer esta cena, mas estávamos a movimentarmo-nos demasiado rápido para eles dizerem o que quer que fosse. Quando chegámos à saída tínhamos os braços cheios e levávamos connosco champanhe no valor de pelo menos mil dólares.

Quando chegámos à entrada, tivemos sorte de encontrar alguns táxis ali parados, à espera no semáforo. Entrámos para o primeiro táxi que encontrámos e o Fisher bateu a porta. Em seguida, pusemo-nos de joelhos para olhar pelo vidro de trás. O empregado e os dois seguranças que tinham estado a verificar os cartões de identidade já iam a meio da escadaria de mármore. O Hudson estava no cimo da escadaria, debruçado contra um pilar de mármore e a beber um copo de champanhe, enquanto assistia à nossa fuga desastrosa. Senti o sangue a subir-me às orelhas enquanto o meu olhar alternava entre o semáforo e os homens que já se encontravam perto do nosso táxi. No momento em que eles chegaram ao passeio, a luz vermelha do semáforo mudou para verde.

— *Arranque! Arranque!* — Gritei eu para o motorista.

Ele pisou o acelerador e eu e o Fisher mantivemo-nos de joelhos, a olhar pelo vidro de trás à medida que nos afastávamos cada vez mais dos homens. Depois de virarmos à direita na esquina, eu voltei-me e sentei-me no assento. Mas não conseguia recuperar o fôlego.

— Que raio foi aquilo, Stella? Primeiro estavas a dançar com um bonzão que parecia completamente embebecido por ti e depois estavas a contar uma história sem pés nem cabeça perante um salão cheio de pessoas. Estás bêbeda?

— Mesmo que estivesse, neste momento estaria completamente sóbria.

— O que te deu?

— Não é o que me deu, mas sim *quem* me deu.

— Não estou a perceber.

— Sabes o bonzão com quem eu estava a falar?

— Sim?

— Afinal ele sabia... — Fui tomada pelo pânico ao perceber que não sabia onde estava o meu telemóvel. Num frenesim, abri a mala

e comecei a retirar os meus pertences. Claramente, o telemóvel não estava dentro da mala, mas *tinha* de estar. Recusando-me a aceitar o que tinha feito, virei a mala e despejei o conteúdo para cima do colo.

Nada de telemóvel.

Porra, o telemóvel não está em lado nenhum!

— Estás à procura de quê? — perguntou o Fisher.

— Por favor, diz-me que tens o meu telemóvel.

Ele abanou a cabeça.

— Porque é que haveria de tê-lo?

— Porque se não o tens, isso quer dizer que o deixei em cima da mesa no casamento.

DEPOIS DAQUELE ENCONTRO CONSTRANGEDOR, PENSEI QUE NUNCA MAIS VOLTARIA A VÊ-LO...

Conheci o Hudson Rothschild num casamento. Ele era o irmão da noiva e possivelmente o homem mais deslumbrante que eu alguma vez vira. Só que eu não devia lá estar, porque o convite não me tinha sido endereçado a mim, mas sim à minha antiga colega de casa. Como ela estava em dívida para comigo, depois de ter deixado de pagar a renda e desaparecido sem deixar rasto, decidi que podia ir à cerimónia no lugar dela.

Quando o Hudson me convidou para dançar, tive medo de ser apanhada, mas não consegui resistir aos seus encantos e apercebi-me logo de uma química incrível entre nós. Só que ele percebeu que eu era uma impostora...

Depois de ser descoberta, quis sair dali o mais depressa possível. Mas, com a pressa, acabei por me esquecer do telemóvel em cima da mesa. E é claro que tinha de ser o Hudson a encontrá-lo!

E AGORA NÃO CONSIGO PARAR DE PENSAR NELE!

Não perca todos estes romances sensuais:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Erótico

 penguinlivros.pt
  topseller.editora

ISBN 9789896234287



9 789896 234287 >